

Contradições e (des)alentos do existir: a modernidade poética de Marianne Moore

Wélida Cristina de Souza Muniz Assunção*

Manoel Barreto Júnior**

Resumo

Na dicção poética de Marianne Moore (1887-1972), a natureza conflitante da condição humana encontra espaço para exaltação, celebração e recolhimento audaz que serve como subterfúgio, tornando-se “centros de vida”. Nos seus versos os dramas humanos se desenrolam entre metáforas e conotações simbólicas em uma linguagem cifrada e impiedosamente reveladora. Assim, o arrebatamento da escrita de Moore cativa pela maneira sensível e nublada em detalhar o mundo, aspecto fundamental e moderno na poesia de Língua Inglesa que reclama revisão. Para tanto, a metodologia bibliográfico-documental sedimenta esta pesquisa a partir de leituras contextuais de três poemas representativos dessa poeta estadunidense que evidencia, sobretudo, que as contradições revelam em sua essência sentidos possíveis e capazes de humanizar. Para o desenvolvimento da pesquisa foram produzidas análises acerca da aplicação do elemento poético que firme o contraditório por meio de figuras de linguagem na poética de Marianne Moore mediando com o aporte teórico-metodológico de Paz (2012; 2015), Bosi (1977), Brasileiro (2012), Birman (2013), Freud (2010), Heidegger (2003) e Pessoa (1997), a fim de evidenciar reflexões dilatadas da condição humana, a partir das experiências de leituras de poemas escolhidos.

Palavras-chave: Marianne Moore; modernidade poética; contradições das representações humanas.

* Graduada em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Tradução pela Universidade Estácio de Sá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4786-6971>.

** Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília – UnB, com pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente do Programa de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (PPGMEALE/UNEB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0890-6061>.

Contradictions and the dismays and the breath of existence in Marianne Moore's poetic modernity

Abstract

In the poetic diction by Marianne Moore (1887-1972), the conflicting nature of the human condition finds space for exaltation, celebration and audacious withdrawal that serves as a subterfuge, becoming “centers of life”. In its verses, human dramas unfold between metaphors and symbolic connotations through a ciphered and ruthlessly revealing language. Thus, the rapture of Moore's writing captivates by the sensitive and nubile way of detailing the world; fundamental and modern aspect in English language poetry that requires revision. To this end, the bibliographic-documental methodology consolidates this research through contextual readings of three representative poems by this American poet, which shows, above all, that the contradictions in their essence reveal possible and humanizing meanings. For the development of the research, analyzes about the application of the poetic element that established the contradictory through figures of speech in the poetry by Marianne Moore mediated with the theoretical and methodological contribution by PAZ (2012; 2015), BOSI (1977), BRASILEIRO (2012), BIRMAN (2013), FREUD (2010), HEIDEGGER (2003) and PESSOA (1997), in order to show expanded reflections of the human condition, through the experiences of reading chosen poems.

Keywords: Marianne Moore; Poetic modernity; Contradictions of human representations.

Recebido em 21/02/2022 // Aceito em 24/01/2023

O ciclo do inferno

Dizem que a vida é cíclica. Não estamos falando do já conhecido ciclo da vida, aquele no qual as pessoas nascem, crescem, reproduzem-se, envelhecem e morrem, mas do ciclo da humanidade. Os eventos vistos pelo mundo parecem se repetir de tempos em tempos. Não que sejam exatamente iguais, mas uma releitura de algo passado. No curso da humanidade já tivemos doenças, guerras, grandes descobertas, protestos, proibições, tudo ajustado à própria época.

A vida é cíclica, sobretudo, porque o ser humano ainda consegue salvar resquícios essenciais da humanidade. Sob tal perspectiva, o homem contemporâneo vive em um mundo completamente diferente do que o de seus antepassados, ou até mesmo do que ele próprio há dez anos. Quase que diariamente somos bombardeados com novas informações, novas práticas socioculturais que, por meio de tecnologias, desdobram-se em constantes transformações pelos novos modos de vida. Aspectos que, por vezes, sublimam a noção da totalidade pelas necessidades individuais. O mundo não é mais uma consciência coletiva, ele se torna uma representação de alguma coisa, de acordo com a percepção de quem busca essa representação.

Não há visão mais modernista do que essa: a do homem preso em si mesmo destrinchando um sem fim de coisas. Quando falamos em modernismo, nós nos prendemos na Semana da Arte Moderna, mas o movimento vai bem além daquela semana de 1922; foi uma época de quebra de paradigmas. Tudo passa a virar poesia. Vimos Manuel Bandeira (1993, p. 129) ficar farto com o lirismo comedido e bem comportado e protestar contra os puristas em “Poética”. No exterior, tínhamos esse movimento

que, segundo Friedrich (1978, p. 15), “fala de maneira enigmática e obscura”. A obscuridade dos escritos dessa época tanto fascina quanto desconcerta o leitor. A poesia modernista transgride toda a estética lírica, desloca estruturas e reformula modelos (CARLOS, 2013). É uma virada na forma de fazer poesia. E foi o que identificamos na obra de Marianne Moore, a poeta dos poetas. Em suas tentativas de descrever o indescritível. É um caminhar na corda-bamba da expressividade, a linha tênue que deixa sua obra enigmaticamente obscura. O que a obra significará para as gerações futuras em um mundo em que já não se espera mais o futuro, vive-se no presente: a pena do inferno no movimento contínuo. O mesmo ciclo em que gira o mundo. E é isso que buscamos destrinchar em parte da obra de Marianne Moore que será apresentada nas páginas seguintes.

Um lugar não tão ruim assim

The Good Place é uma série televisiva estadunidense com uma forte carga filosófica. Os personagens morreram e vão para o Lugar Ruim, só que aquele Lugar Ruim está mascarado de Lugar Bom. Tudo lá é mais ou menos, nada chega a ser ruim o bastante, nem bom o suficiente. O inferno é nunca alcançar a plenitude no Lugar Bom. E, então, eles descobrem que, na verdade, estão no Lugar Ruim. E aí começa a jornada para o Lugar Bom.

Se você perguntar “Qual é a relevância dessa série ou dessa informação?”, a resposta é talvez nenhuma. Mas, se você começar a assistir, chegará, inevitavelmente, à última temporada e aos últimos episódios e poderá ver o que acontece quando se alcança 100% de toda a plenitude do universo. A pessoa fica

apática. Não tem mais nada. Nada que te move. As paisagens lindas estão lá, sempre estarão lá. Você leu todos os livros que queria, viu todos os filmes, teve todas as experiências que já imaginou e daí você começa a sentir o desalento, porque nada mais faz sentido. E a vida passa a ser um enorme vazio de pura insatisfação.

O *Psychology Dictionary* define *despondency*¹, (2020), como sendo esse estado de apatia e de humor depressivo. Já o dicionário Michaelis define desalento², (2020), como falta de alento; abatimento, desânimo, esmorecimento. Foi esse ânimo que os personagens de *The Good Place* sentiram. E é esse ânimo que buscamos na obra poética de Marianne Moore: o desalento causado pelas contradições do existir.

O existir é cheio de contradições, nem tudo é tão definido; entre a falta e a junção de todas as cores, há um sem fim de nuances. Por vezes, parece que a zona cinza que existe entre essas cores tão precisas não existe. Nós nos esquecemos de que existem as cores primárias, de que elas se misturam e formam outras, esquecemo-nos da cor. E quando esquecemos da cor, entramos no estado do desalento. Por que continuar se nada mais faz sentido? Christian Dunker (2018), nos diz que “o desalento acontece quando você vê que nada do que faz interfere no próximo capítulo da sua história. Quando futuro é só reprodução do passado, a gente começa a entrar em apatia [...]”.

Podemos sentir apatia mesmo tendo alcançado toda a plenitude da vida, mesmo tendo realizado nossos sonhos e alcançado cada objetivo que tínhamos em mente. Finalmente

1 DESPONDENCY, N., Sam M.S., in: *PsychologyDictionary.org*, April 7, 2013, <https://psychologydictionary.org/despondency/> (accessed January 29, 2020)

2 DESALENTO, Disponível In: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/creditos/> ISBN: 978-85-06-04024-9 © 2015 Editora Melhoramentos Ltda. Acesso em jan, 2020

chegamos ao topo da pirâmide das necessidades de Maslow³, nós nos realizamos, satisfizemos todas as necessidades básicas, as intermediárias e as superiores. Temos comida, abrigo e afeto. Mas, e se perdermos alguma das coisas que estão lá na base da pirâmide? Os aspectos fisiológicos? Comida, água? E se subirmos um degrau e nos faltar segurança? Sabia que as pessoas mais desalentadas são as que procuram emprego? Depois de tanta rejeição, elas começam a se sentir menosprezadas, indignas, frustradas.

Para não dizer que não falei das borboletas

A hierarquia de necessidades de Maslow abrange cinco fatores, a começar da base para o topo: fisiologia, segurança, social, estima e realização pessoal. O final da segunda década dos anos 2000 está sendo complicada. Alguns a comparam com o estado de guerra, estamos, de certa forma, sitiados. Não podíamos ir e vir à vontade, e ficamos frustrados com a permanência em casa, com as notícias alarmantes, com o número de mortes. Cada vida importa, já anunciava o pensador Abraham Maslow o pensador. Os mensageiros do caos dizem que, se a situação perdurar por mais tempo, vamos sofrer danos consideráveis. Perdemos o meio da pirâmide – o aspecto social –; muitas pessoas perderam a segurança, algumas já estão perdendo a estima.

Mas a vida, sendo a vida, de tempos em tempos, parece nos atingir como um rolo compressor. E aí é que entra Marianne Moore. Na atual conjuntura, é impossível ler este poema sem

³ A Pirâmide de Maslow ou a Hierarquia das Necessidades de Maslow é um conceito desenvolvido pelo psicólogo norte-americano Abraham H. Maslow, que determina as condições necessárias para que cada ser humano atinja a sua satisfação interpessoal e, ainda, em suas mais distintas práticas sociais.

trazê-lo para o aqui e agora, para a nossa quarentena e para os tempos de dúvida:

TO A STEAM ROLLER

*The illustration
is nothing to you without the application.
You lack half wit. You crush all the particles down
into close conformity, and then walk back and forth on
them.*

*Sparkling chips of rock
are crushed down to the level of the parent block.
Were not “impersonal judgment in aesthetic
matters, a metaphysical impossibility,” you*

*might fairly achieve
it. As for butterflies, I can hardly conceive
of one’s attending upon you, but to question
the congruence of the complement is vain, if it exists.*

(MOORE, 1981, p. 84)⁴.

Como Moore muito bem começa, essa ilustração não possui significado se não for aplicada. O rolo compressor tem pouco juízo, e a tudo esmaga e atropela. Quem não viu a enxurrada de mensagens dizendo “o que são cem vidas quando as pessoas vão morrer de fome?”. Lembra-se de quando foi falado, acima, sobre a hierarquia das necessidades? A saúde vem depois das necessidades fisiológicas, e nesse momento as pessoas que atingiram o topo ficam preocupadas com a possibilidade de voltar para a base. Em épocas como essa, precisamos de um rumo, mas quando nosso guia se mostra tão insensato quanto um rolo compressor, caímos no que Joel Birman, resenhado por

⁴ PARA UM ROLO DE COMPRESSOR A ilustração/ não é nada para você sem a aplicação. / Você não tem meia inteligência. Você esmaga todas as partículas /em estreita conformidade e, em seguida, caminhe para frente e para trás sobre eles. / Espalhando lascas de pedra cintilante /que são compactados até o nível do bloco principal. /Não foram “juízos impessoais na estética/ importa, uma impossibilidade metafísica”, você/ pode razoavelmente alcançar / isto. Quanto às borboletas, mal posso conceber /de alguém estar atendendo você, mas para questionar /a congruência do complemento é vã, se existir. (MOORE, 1981, tradução nossa 2023).

Ribeiro, diz que uma crise dessa magnitude pode ser:

[...] retratada na decadência da figura do pai como símbolo de poder, autoridade e transcendência, atribuídos outrora às figuras do soberano e de Deus – constrói uma experiência subjetiva marcada pelo desalento, pela perda nos processos de simbolização e pela consequente vivência da dor, que desemboca em uma miríade de sintomas sociais ou psíquicos que, trabalhados pelo autor em seus ensaios, constituem exemplos instigadores de um movimento de reflexão por parte do leitor que tem que se haver com a crueza e a tragicidade da catástrofe por eles anunciada. (RIBEIRO, 2006).

E o rolo segue, passando por cima das lascas de pedras brilhantes, esmagando-as para fazê-las se encaixar no padrão imposto pela sociedade. Trata-se da catástrofe e da fadiga de si mesmo já anunciadas por Ehrenberg e que Birman aborda em seu livro *O sujeito na contemporaneidade*. Pois é “nesse turbilhão e vertigem, provocados pela luta desesperada pela vida, que as pessoas perdem seu fio de prumo, esvaziando-se e se despotencializando.” (BIRMAN, 2013, p. 122). A vida não tem mais significado e vamos seguindo sendo esmagados, como Moore cita em seu poema, “não fosse o ‘juízo impessoal em questões estéticas uma impossibilidade metafísica’ até se sairia bem.”. Mas o ser humano é plural e, mesmo em tempos de desalento, pode acabar encarando essa impossibilidade como um paradoxo. “O vazio e a despossessão de si deixam de ser enigmáticos, como poderiam parecer para um olhar ingênuo sobre a atualidade.” (BIRMAN, 2013, p. 122-123).

E então o eu-lírico mostra todo o seu desalento com a situação dessa contradição de as partes virarem um todo e de esse todo que acaba sendo destruído e compreendido quando diz que

borboletas não seguem o tal rolo compressor e que a discussão sobre o motivo é inútil, pois a coerência nesse aspecto pode até mesmo não existir – para estarmos desamparados ante toda a catástrofe ao nosso redor, precisaríamos estar amparados, para início de conversa. E quando não temos o amparo da figura do pai, já tratada por Freud (2010) e retomada por Birman (2013). E é por isso que a rebelde borboleta foge do rolo compressor.

O que devora

Poucas coisas são tão desalentadoras quanto o “Acalanto” (1971), de Chico Buarque. “Dorme, minha pequena. Não vale a pena despertar.”. Uma canção de ninar que diz que o mundo não vale a pena. A canção de Chico Buarque não deveria ser triste, só repete o que todas as outras dizem: dorme, que você estará protegido.

As crianças não percebem o que a letra diz; o que importa é a sonoridade. Como já dizia Paz (2015, p. 117), “a poesia se perde como palavra, dissolvida nos sons [...]”. É quando crescem que percebem o quanto essas canções são assustadoras (LOPES; PAULINO, 2010). E então vão pensando se já não era um treinamento para a vida: morte, sequestro, agressão, machismo. Está tudo lá embalado em uma melodia agradável. O bicho-papão aparece mais vezes quando estamos acordados.

Um bicho-papão que aparece de tempos em tempos rondando o mundo é a guerra. Quantas vezes não ouvimos, nesses últimos anos, que a Terceira Guerra poderia ser deflagrada? O início de 2020 foi mesmo bem agitado. Marianne Moore passou pelas duas Grandes Guerras Mundiais e pela pandemia de gripe espanhola. Já era adulta. Entendia perfeitamente o que estava

acontecendo. E, por saber muito bem o que acontecia, jorrou em versos a inquietação com o período em que vivia.

In distrust of merits

“Strengthened to live, strengthened to die for
medals and positioned victories?
They’re fighting, fighting the blind
man who thinks he sees, —
who cannot see that the enslaver is
enslaved; the hater, harmed. O shining O
firm star, O tumultuous
ocean lashed till small things go
as they will, the mountainous
wave makes us who look, know

depth. Lost at sea before they fought! O
star of David, star of Bethlehem,
O black imperial lion
of the Lord-emblem
of a risen world—be joined at last, be
joined. There is hate’s crown beneath which all is
death; there’s love’s without which none
is king; the blessed deeds bless
the halo. As contagion
of sickness makes sickness,

contagion of trust can make trust. They’re
fighting in deserts and caves, one by
one, in battalions and squadrons;
they’re fighting that I
may yet recover from the disease, My
self; some have it lightly; some will die. ‘Man’s
wolf to man’ and we devour
ourselves. The enemy could not
have made a greater breach in our
defenses. One pilot-

ing a blind man can escape him, but
Job disenheartened by false comfort knew
that nothing can be so defeating

as a blind man who
can see. O alive who are dead, who are
proud not to see, O small dust of the earth
that walks so arrogantly,
trust begets power and faith is
an affectionate thing. We
vow, we make this promise

to the fighting—it's a promise—'We'll
never hate black, white, red, yellow, Jew,
Gentile, Untouchable.' We are
not competent to
make our vows. With set jaw they are fighting,
fighting, fighting, —some we love whom we know,
some we love but know not—that
hearts may feel and not be numb.
It cures me; or I am what
I can't believe in? Some

in snow, some on crags, some in quicksands,
little by little, much by much, they
are fighting fighting that where
there was death there may
be life. 'When a man is prey to anger,
he is moved by outside things; when he holds
his ground in patience patience
patience, that is action or
beauty, ' the soldier's defense
and hardest armor for

the fight. The world's an orphans' home. Shall
we never have peace without sorrow?
without pleas of the dying for
help that won't come? O
quiet form upon the dust, I cannot
look and yet I must. If these great patient
dyings-all these agonies
and wound bearings and bloodshed—
can teach us how to live, these
dyings were not wasted.

Hate-hardened heart, O heart of iron
iron is iron till it is rust.

There never was a war that was
not inward; I must
fight till I have conquered in myself what
causes war, but I would not believe it.
I inwardly did nothing.
O Iscariot-like crime!
Beauty is everlasting
and dust is for a time.
(MOORE, 1981, p. 136)⁵.

Em um poema proseado muito bem marcado com rimas e uma forma fixa – dez versos em cada uma das oito estrofes – Moore nos traz muitos paradoxos, muitas contradições. E desalento. E inconformismo. “No poema a linguagem recupera sua originalidade primeira, mutilada pela redução que a prosa e a fala cotidiana lhe impõem [...]” (PAZ, 2012, p. 32). De tal modo a poeta fala dos que são treinados para viver ou para morrer por medalhas. Ah, as honrarias aos soldados mortos! Mortos pelo quê? Por uma guerra que não é deles? Dizem que guerra é o

⁵ *Na desconfaça dos méritos* /Fortalecidos para viver, fortalecidos para morrer por/medalhas e vitórias posicionadas? /Eles estão lutando, lutando contra os cegos /homem que pensa que vê, - /que não pode ver que o opressor é escravizado; /o odiado, prejudicado. Oh brilhante Oh / estrela firme, ó tumultuosa /oceano açoitado até pequenas coisas irem /como eles querem, o montanhoso /onda nos faz quem olha, sabe /profundidade. / Perdidos no mar antes de lutarem! Oh estrela de Davi, estrela de Belém./Oh leão negro imperial /do Senhor-emblema / de um mundo resuscitado - junte-se finalmente, sejamos /Há uma coroa de ódio sob a qual tudo é / morte; há amor sem o qual nenhum/ é rei; as ações abençoadas abençoam /a auréola. como o contágio / da doença faz doença/ o contágio da confiança pode gerar confiança. / Eles estão lutando em desertos e cavernas, um por/ um, em batalhões e esquadrões; / eles estão lutando que eu /ainda pode se recuperar da doença, / Eu mesmo; alguns têm isso levemente; /alguns morrerão. 'de homem lobo para homem' e nós devoramos/ nós mesmos. O inimigo não poderia / fazer uma brecha maior em nossas /defesas. Um piloto- /Um cego pode escapar dele, mas /Jó desanimado pelo falso conforto sabia / que nada pode ser tão intenso /como um cego que /pode ver. Oh vivos que estão mortos, que estão /orgulhoso de não ver, ó pequeno pó da terra /que anda tão arrogante, /confiança gera poder e fê é / uma coisa carinhosa. Nós/ voto, nós fazemos esta promessa/ para a luta - é uma promessa - 'Vamos/ nunca odeie preto, branco, vermelho, amarelo, judeu, /Indígena, intocável.' Nós somos/ não competente para /fazer nossos votos. Com a mandíbula cerrada eles estão lutando, / lutando, lutando, - alguns que amamos a quem conhecemos, /alguns que amamos, mas não conhecemos – que /os corações podem sentir e não ficar entorpecidos. /Isso me cura; ou eu sou o que/ Eu não posso acreditar? Alguns/na neve, alguns em penhascos, alguns em areias movediças, /pouco a pouco, muito por muito, eles /estão lutando lutando onde/houve morte lá pode/seja a vida. 'Quando um homem é vítima da raiva, /ele é movido por coisas externas; quando ele segura /seu chão em paciência paciência /paciência, isso é ação ou /beleza, ' a defesa do soldado /e armadura mais dura para / a luta. O mundo é um lar de órfãos. Nunca /devemos ter paz sem tristeza? /sem apelos dos moribundos por /ajuda que não virá? Oh /forma silenciosa sobre o pó, não posso /olhar e ainda assim devo. Se esses grandes pacientes /morrendo-todas essas agonias /e rolamentos de feridas e derramamento de sangue— /podem nos ensinar a viver, essas /mortes não foram desperdiçadas. /Coração endurecido pelo ódio, oh coração de ferro /ferro é ferro até virar ferrugem. / Nunca houve uma guerra que foi /não para dentro; devo /lutar até que eu tenha conquistado em mim o que / causa guerra, mas eu não acreditaria. /Eu interiormente não fiz nada. /Oh crime de Iscariotes! /A beleza é eterna /e o pó é por um tempo. / (MOORE, 1981, tradução nossa 2023).

lugar para onde jovens que não se conhecem e não se odeiam vão para matar por velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam. O que diz muito sobre o paradoxo do “homem cego que pensa que vê” que a autora traz pouco antes dos escravagistas que são escravizados.

Na segunda e terceira estrofes, Moore traz nações por meio de símbolos religiosos: a estrela de Davi, a estrela de Belém e o leão imperial. Pede para que eles se unam, para que eles se **unam**. Fala sobre a coroa de ódio por trás da matança; fala sobre o amor e sobre as boas obras. Que coisas ruins chamam coisas ruins, mas que coisas boas atraem coisas boas. Chama atenção para o que esses soldados protegem: a nós. Mas o homem, sendo o lobo do homem, devora-se.

Na quarta estrofe, revemos o homem cego que pode ver, e o quanto ele é indefeso em sua arrogância. A confiança gera poder, e a fé é afetuosa. Isso lembra Churchill e seus discursos grandiosos e sua capacidade de negar que a Inglaterra tinha perdido a guerra. Acabou sendo salvo por mais guerra (ROBERTS, 2019). Na quinta estrofe os soldados que amamos – e conhecemos, ou não – lutam, lutam, lutam com o queixo erguido. E o eu-lírico deseja que o coração deles sinta, e que não fiquem entorpecidos. Para que, como nos traz a sexta estrofe, onde houver morte, haja vida. Que a armadura do soldado é a paciência, paciência, paciência; é aí que está a beleza.

As últimas estrofes trazem a reflexão da tragédia e de seus paradoxos. E nos diz que o mundo é um orfanato. Não pode haver paz sem sofrimento? Sem rogar por uma ajuda que nunca vai chegar? Não posso olhar, mas preciso. Pois, se toda a matança tiver a capacidade de nos ensinar como viver, aquelas vidas não terão sido desperdiçadas. Ainda que o coração está endurecido

pelo ódio, mas o ferro só é ferro até virar ferrugem. E chama à luta para descobrir as causas da guerra, mas não acreditará nelas. São irrelevantes. Só a beleza perdura, a poeira é passageira.

Um poema denso que não empenna eufemismos. O chumbo é chumbo. Foi um tapa de realidade. Já dizia Octavio Paz (2012, p. 27- 28) que “o mundo do homem é o mundo do sentido. Ele tolera a ambiguidade, a contradição, a loucura ou o embuste, não a carência de sentido.”. O poema nos traz o paradoxo entre guerra e paz. Fala da cegueira e da ganância, da sede do poder. É tudo ambíguo e contraditório, mas faz sentido para quem viveu naquele momento, ou em outros, como faz sentido para nós agora. É o poema recuperando a alma – acalantos para os adultos. Uma breve fuga da realidade. Uma forma de ensinar a ver o mundo, pois “o poeta não se limita a descobrir o presente; desperta o futuro, conduz o presente ao encontro do que vem [...]” (PAZ, 2015, p. 98).

Sendo canção de ninar para adultos, o poema vai acolher tudo aquilo que não é bem querido pela sociedade, “o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, o silêncio [...]” (BOSI, 1977 p. 165). O ensinamento pode acabar perdido na melodia invisível da poesia, no ritmo do acalanto, mas um dia, quando formos grandes o bastante, vamos entender o que foi dito lá atrás. “No fluxo e refluxo de nossas paixões e afazeres [...], há um momento em que tudo concorda. Os contrários não desaparecem, mas se fundem por um instante.” (PAZ, 2012, p. 32).

Encantadoramente

Faz oito anos que o mundo entrou em desespero. A considerar que os Maias previram que o mundo ia acabar. Fizeram um filme anunciando o apocalipse. Pessoas venderam seus bens e foram se refugiar lá em Goiás – diziam que era o único lugar que não seria afetado pela catástrofe natural prometida pelo calendário maia. Bem, o mundo não acabou. Mas eis que recontaram o calendário e descobriram que a primeira contagem estava errada. O apocalipse foi dia 21 de junho de 2020.

Só que, ao contrário das inúmeras vezes em que anunciaram o fim do mundo, o apocalipse de junho de 2020 não foi nem levado em consideração. Não virou meme, não virou reportagem, não causou pânico coletivo, não fez as pessoas irem à igreja expiar os pecados. O fim do mundo passou inócuo e sufocado por todas as notícias de morte, corrupção, doença e atentados terroristas. Ninguém percebeu que o apocalipse passou.

Felizmente, parece que não somos capazes de focar em muitas coisas ao mesmo tempo. Agora é a vez da pandemia e dos governos negacionistas. Pouco antes foi pandemia e o movimento *Black Lives Matter*. Daqui a algum tempo será outra coisa. E continuaremos focados em um ou dois assuntos por vez. Sabe por quê? Porque, como já dizia Marianne Moore, a mente é uma coisa encantadora, fascinante. Sabe aqueles tremeliques que temos dormindo? Ou quando sonhamos que estamos voando? É a mente estranhando o seu corpo ter relaxado rápido demais e te mandando impulsos nervosos para te “ressuscitar”. Os enjoos no carro? A mente achando que você está sendo envenenado e tentando expurgá-lo de seu corpo.

Ansiedade, medo, felicidade, euforia, tristeza, desalento e contradição. Tudo obra da mente, tudo parte de ser humano. É tudo real demais, e subjetivo demais. Assim é a mente, essa coisa encantadora. Um ajuntamento de vários nós formando um único e inquestionável eu.

The Mind Is an Enchanting Thing
is an enchanted thing
like the glaze on a
katydid-wing
subdivided by sun
till the nettings are legion.
Like Gieseking playing Scarlatti;

like the apteryx-awl
as a beak, or the
kiwi's rain-shawl
of haired feathers, the mind
feeling its way as though blind,
walks along with its eyes on the ground.

It has memory's ear
that can hear without
having to hear.
Like the gyroscope's fall,
truly unequivocal
because trued by regnant certainty,

it is a power of
strong enchantment. It
is like the dove-
*neck animated by
sun; it is memory's eye;
it's conscientious inconsistency.*

*It tears off the veil, tears
the temptation, the
mist the heart wears,
from its eyes—if the heart
has a face; it takes apart
dejection. It's fire in the dove-neck's*

*iridescence; in the
inconsistencies
of Scarlatti.
Unconfusion submits
its confusion to proof; it's
not a Herod's oath that cannot change.*
(MOORE, 1981, p. 134)⁶.

O poema – conforme ocorre em outros como “*Blessed is the Man*”, “*Novices*”, “*The Fish*” e “*In this age of hard trying, nonchalance is good and*” – [*Bem-aventurado é o Homem*”, “*Noviços*”, “*O Peixe*” e “*Nesta época de árduas tentativas, a indiferença é boa e*] tem como título o primeiro verso. O que pode passar completamente desapercibido, pois o verso seguinte é praticamente igual ao primeiro, com uma diferença: a mente não é mais encantadora, é encantada. Assim como os misteriosos meandros desse fascinante órgão que é protegido pelo nosso crânio, o poema é cheio de desvios, certezas, incertezas e precisão. O poema nos traz forma, rima e metáforas em nada menos do que oito frases com métrica muito bem demarcada. Essas rimas, métricas e pontuações fazem jus à toda sutileza e subjetividade da mente.

A primeira estrofe traz uma metáfora com o brilho nas asas da esperança – aquele gafanhoto verde que dizem significar boa sorte –, que muito lembra a brilhante teia formada pelos neurônios quando recebem estímulo. Todas aquelas cores iridescentes formando toda uma legião de cores. Quando

⁶ A mente é uma coisa encantadora/é uma coisa encantada/como o esmalte em um/asas da esperança/subdividido pelo sol/ até que as redes sejam uma legião./ Como *Gieseking* interpretando *Scarlatti*./ como o furador *apteryx*/ como um bico, ou o /xale de chuva de kiwi/ de penas cabeludas, a mente/ tasteando seu caminho como se estivesse cego./ caminha com os olhos no chão./ Tem o ouvido da memória/ que pode ouvir sem/ ter que ouvir./ Como a queda do giroscópio./ verdadeiramente inequívoco/ porque verdadeiro pela certeza reinante, / é um poder de / forte encantamento. Isto / é como a pomba-/ peçoço animado por /Sol: é o olho da memória; / é uma inconsistência conscienciosa. / Ele rasga o véu, lágrimas / a tentação, o / névoa que o coração usa, / de seus olhos - se o coração / tem rosto; isso desmonta / desânimo. É fogo no peçoço de pomba /cintilante; no /inconsistências de *Scarlatti*. / Descomplica e envia sua confusão à prova; Está / não um juramento de Herodes que não pode mudar. / MOORE, 1981, tradução nossa 2023).

poucas, as esperanças significam boa sorte, mas, quando muitas, são pragas bíblicas, assim como os pensamentos. Dizem que é melhor pensar demais do que em nada pensar, “a mente humana é uma mente dispersa, e uma mente dispersa é uma mente infeliz [...]” (KILLINGSWORTH; GILBERT, 2010, p. 932). Quanto mais pensamos, mais desalentados ficamos. E quanto mais pensamento, mais contradição.

Adiante o poema nos fala do Kiwi, pássaro neozelandês com um bico muito grande, pernas fortes com garras grandes, mas que não voa. Ele vive em buracos no chão, e costuma só sair à noite. Talvez os hábitos noturnos não tenham muita importância, mas já imaginou um pássaro que não voa? Talvez se fossem racionais, eles sentiriam muita frustração. Assim é com a pessoa que não dá asas à imaginação. O equipamento está lá, mas é inútil. A mente pouco imaginativa é mais feliz, mas, assim como o pássaro que não voa, ela é mais vulnerável. E, ao contrário do pássaro que não voa, ela não vem com garras poderosas que a protege dos predadores. Já dizia Heidegger (2003, p. 133) que perigo maior ainda “é o de pensar de menos, de resistir ao pensamento de que a experiência em sentido próprio da linguagem só pode ser uma experiência de pensamento, de que a grande poética de toda poesia sempre vibra um pensamento [...]”. A mente cega vagueia com os olhos presos no chão.

No plano sensorial o poema trata da memória auditiva que pode ouvir sem ter que ouvir. Aqui a mente reina soberana. É ela que nos permite ouvir em silêncio. Devaneia. O som do pássaro cantando, a música há muito perdida, uma voz querida. A mente guarda tudo para você. Só que ela não é muito confiável. Em algum momento, assim como o giroscópio, ela vai cair. A lembrança vai esvanecer e muitos desses sons virarão silêncio.

“Não é que haja, neste interlúdio de coisas perdidas, um vestígio incerto de memória inútil. É, mais dolorosamente que isso um tédio de estar lembrando o que se não recorda [...]” nos traz Bernardo Soares,⁷ no *Livro do Desassossego* (1997, p. 332), falando sobre algo que muito lembra essa memória auditiva de giroscópio, que complementa, dizendo “um desalento do que a consciência perdeu entre algas ou juncos, à beira não sei de quê [...]”.

A mente, diz a quarta estrofe, é fruto de um forte encantamento. Ela brilha quando estimulada. Ela também é o olho da memória. Consistente em sua inconsistência. Quantas vezes essa coisa encantada não nos faz distorcer fatos e memórias? Quantas vezes ela não nos engana colocando ali uma lembrança meio distorcida. E mais uma vez Moore dialoga com Pessoa. “Vem-me, então, um terror sarcástico da vida, um desalento que passa os limites da minha individualidade consciente. Sei que fui erro e descaminho, que nunca vivi, que existi somente porque enchi tempo com consciência e pensamento [...]” (PESSOA, 1997, p. 64). Assim como o eu-lírico em Moore, o autor português verte em palavras a sua frustração pelos caprichos da mente.

Sob tais perspectivas, a mente não se esconde mais atrás do véu da contemplação, ela não devaneia, está afiada e conectada ao coração. Os estímulos não são mais externos, são próprios, vêm dela. E é, então, que se fecha o pensamento que Pessoa (1997, p. 64) iniciou no parágrafo anterior: “a minha sensação de mim é a de quem acorda depois de um sono cheio de sonhos reais, ou a de quem é liberto, por um terremoto, da luz pouca do cárcere a que se habituara [...]”. A mente e o coração não se fazem mais de reféns.

7 O semi-heterônimo, guardador de livros, de Fernando Pessoa.

Aspecto lírico ainda discutido a evidenciar que a mente não precisa ser sempre consistente. São as inconsistências que fazem dela essa coisa encantada. São as inconsistências que fazem com que nós sejamos nós. Contraditórios, desalentados, frustrados, imaginativos, humanos. A mente não precisa, nem deve, ser estática. Ela tem o direito de poder acreditar que o mundo acabou em junho, ou que vai acabar daqui a seis anos. Que o apocalipse está próximo, que Jesus está voltando. Que 2020 só pode ser um presságio do fim do mundo. Ela também pode acreditar que o inferno é aqui. **“Como o movimento no círculo, diz Raimundo Lulio, assim é a pena no inferno [...]”** (PAZ, 2015, p. 98, grifo do autor).

Por aí afora

Contradição e (des)alento carregam em si mesmos boa parte do drama que é o ser humano: quando associados, resumem toda a carga do que é o existir. Nós nos alentamos e desalentamos várias vezes ao dia quando vamos tateando às cegas em meio a tantas contradições: não sabemos o que pensar, não sabemos como agir, não sabemos por onde começar. A cada hora a vida nos puxa para um lado: não queremos mudar de opinião, de atitude, não queremos mudar a rotina, mas, lá no fundo, existe uma vozinha que sempre diz que não tem problema mudar. E é aí que começa o problema da contradição. Vamos sendo puxados, por nós mesmos, de um lado para o outro e ficando cada vez mais frustrados por não sabermos como agir. E é isso que Marianne Moore nos entrega em seus poemas.

A maior parte dos poemas contraditoriamente desalentados de Moore foram escritos no período entreguerras e durante uma

pandemia. Nesse momento em que o mundo estava de cabeça para baixo, foi possível enxergar as similaridades de sentimentos que mesmo um espaço de um século não pôde apagar.

Talvez, quando refletimos o todo da pesquisa, quando foram analisados 15 de 119 poemas, possamos achar que foram poucos os poemas que apresentaram os traços propostos, mas nem sempre a contradição leva ao desalento ou provoca alento, em representação. Nem sempre os desalentos são resultado ou resultam em contradição. De tal modo, na poética modernista de Moore encontramos demasiadas representações do desalento e da contradição, mas foram poucas as ocorrências dos dois juntos no mesmo poema.

Por esse viés e de acordo com as análises feitas, conclui-se que as contradições e seus (des)alentos são uma característica intrínseca ao ser humano. Nem sempre a vida estará aprumada; por vezes veremos o copo meio vazio, vamos ficar cansados, apáticos, desmotivados, vamos verter nossos sentimentos e aceitar que toda essa contradição significa e transborda, seja em conversas profundas, seja em “textão” nas redes sociais.

Alguns pegam esse sentimento e, com uma capacidade incrível, o transformam em arte, como Moore. Outros vão (des)construindo aos poucos as expectativas do que consideram a perfeição, vão aprendendo a alentar essa carga que é o contraditório do existir. Vão ver que o desalento não é ruim, ele pode ser uma mola propulsora para um lugar melhor na própria mente. Ou não. Pode ser que pensem como Bernardo Soares, com um temor pela vida que ultrapassa a própria consciência.

A busca pela poesia da vida se torna a busca pelo reconhecimento individual, a descoberta do outro que há em nós. É uma procura silenciosa. Eu me identifico ali, mas será

que enxergo o outro? Poesia hoje em dia é tabu, é resistência. Os leitores do gênero ou são aclamados, ou são calcados. Não há meio termo. Poesia ainda é aquilo que lemos escondido, que guardamos na gaveta – ou que postamos como frase de impacto nas redes sociais. Queremos nos mostrar intelectuais, mas queremos ser acessíveis. Nada complicado demais. Vamos pensar no outro. Vamos unir o que foi separado. Naquele lugar onde “o ser e o desejo de ser pactuam por um instante [...]” (PAZ, 2015, p. 123).

Referências

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, Luiza. A era do desalento: como entender e superar o desânimo com economia, a política e até a Copa do Mundo. **O Globo**. Rio de Janeiro. 16 jun. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-do-desalento-como-entender-superar-desanimo-com-economia-politica-ate-copa-do-mundo-22784875>>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e prosa**. Tradução de Suely Cassa, Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Sujeito e História, 2013.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. Editora Cultrix: São Paulo, 1977.
- BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. Rio de Janeiro: 7Letras; UEFS Editora, 2012.
- BUARQUE, Chico. **Acalanto**. Rio de Janeiro: PolyGram: 1971. (1min38s). Disponível em: <https://www.letas.mus.br/chico->

buarque/85833/ Acesso em: Jan. 2023.

CARLOS, Luís Adriano. Poesia moderna e dissolução. **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**, Porto, v. 6, n. 1, p. 249-262, ago. 2013

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A arte da quarentena para principiantes [recurso eletrônico] / Christian Ingo Lenz Dunker. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018.

FALCÃO, Rhavine. **Psicanálise e Mal-estar contemporâneo**. O tema foi discutido durante o I Colóquio Psicanálise e Sociedade: Por uma Ética do Sujeito. Set. 2015. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/noticias/universidade/psicanalise-e-mal-estar-contemporaneo>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GREGORIM, Clóvis Osvaldo (Ed.). **Michaelis**. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=x80N>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KILLINGSWORTH, Matthew; GILBERT, Daniel. A wandering mind is an unhappy mind. **Science**, [s.l.], v. 330, n. 6006, p. 932-932, 11 nov. 2010. American Association for the Advancement of Science (AAAS).

LOPES, Maria Graciete Carramate; PAULINO, Roseli A. Figaro. Discurso e formação de valores nas canções de ninar e de roda. **Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-18, jun. 2010.

MOORE, Marianne. **The complete poems of Marianne Moore**. New York Penguin Books, 1981.

N., Pam M.S. **PsychologyDictionary.org**. 2013. Disponível em: <https://psychologydictionary.org/despondency>. Acesso em: 28 mar. 2020.

PAZ, Otávio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

PAZ, Otávio. Os signos em rotação. In: PAZ, Otávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 95-123.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1997.

RIBEIRO, Alessandra Monachesi. **O que um psicanalista tem a dizer sobre a contemporaneidade?** Resenha de Joel Birman, Arquivos do mal-estar e da resistência, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006. Disponível em: <http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=235&id_tema=72>. Acesso em: 28 mar. 2020.

ROBERTS, Andrew. **Leadership in war: essential lessons from those who made history**. New York : Penguin, 2019.